

AS Regras da Princesa

NO MUNDO
DOS CONTOS
DE FADAS...

... ELA É
UMA PRINCESA
IRREVERENTE!

Autora Bestseller Mundial ✨ A Rainha do Romance Histórico

PHILIPPA GREGORY

Ilustrações de Chris Chatterton

Para o Freddie e para o Sebastian





Índice

A Princesa Flora 11

Flora e os Lobos 79

Flora e o Gigante 157



A Princesa Flora





CAPÍTULO UM

Os pais da Flora esqueceram-se completamente de abrir as janelas para que uma cegonha lhes deixasse um bebé.

Há muito tempo (isto quer dizer que não sei exatamente quando foi, mas não foi assim há tanto tempo), numa terra chamada Sete Reinos, o rei e a rainha queriam muito ter um filho. Esperaram e esperaram, até que um dia a rainha disse ao marido:

— Tenho notícias para ti. Vamos ter um bonito bebé!

— E quando ele crescer, há de ser o rei — disse o rei, muito satisfeito. — Que surpresa maravilhosa.

Só que quando o bebé nasceu, não era um menino. Era uma menina.

Isto foi um grande choque para o rei e para a rainha, mas como eram da realeza, colaram um sorriso falso nos lábios e foram até à varanda do palácio acenar ao povo. Fizeram de conta que não se importavam nem um pouco que ela fosse uma menina quando estavam, na verdade, a contar com um menino, mas algum tempo depois já a amavam.

— Além de que — disse o rei — não tenho dúvidas de que ela vai casar com um príncipe muito bonito e rico e podem passar a ser o rei e a rainha de ambos os reinos! Sem *dúúúvida!*

— Vamos chamar-lhe Flora — disse a rainha.
— Princesa Flora.



Embora tenham começado com boas intenções, o rei e a rainha eram pais terrivelmente descuidados. Estragaram o batizado ao convidarem toda a gente, por isso ninguém ficou zangado ou ofendido. Não houve bruxas furiosas a entrar e a lançar feitiços sobre a bebé, nem ninguém a transformou num ratinho. O rei e a rainha esqueceram-se de a trancar no cimo de uma torre alta para um príncipe poder subir pelos seus cabelos e salvá-la, e também não a proibiram de fiar lã nem de mexer em agulhas afiadas. Só a avisaram de que não devia correr com uma tesoura na mão, mas isso é uma coisa que não tem utilidade nenhuma para uma princesa de contos de fadas — é apenas uma coisa normal. O rei e a rainha não a vestiram com vestidos muito apertados para ela ficar com uma cintura minúscula que um príncipe conseguisse rodear só com uma mão. Não lhe deram maçãs

envenenadas nem a enterraram num caixão de cristal. A rainha então, era especialmente negligente — nem sequer se deu ao trabalho de morrer para a filha ter uma madrasta horrível que a obrigasse a cuidar de patos ou a lavar o chão.

Os pais da Flora deixavam-na fazer o que ela queria, por isso, em parte, foram os culpados por ela não ter aprendido as *Regras de uma Princesa* e se ter tornado uma menina alegre, barulhenta, mandona e feliz, que passava as manhãs com o seu cavalo, o *Caramelo*, e as tardes a trabalhar com os pais no escritório real. Ela gostava especialmente de responder às cartas que os súbditos lhes enviavam a queixarem-se de que a família real não tinha utilidade nenhuma e dava uma despesa terrível. Concordava quase sempre com as queixas.

— Somos *terribelmente* *despendeosos* — escreveu ela quando tinha 6 anos.

— Ai, não vais pôr isso assim no correio!
— disse o rei.

— Tão querida — disse a rainha, deitando a resposta da Flora para o lixo.



A Flora era amiga de algumas princesas que tinham lido e estudado as *Regras de uma Princesa* e que se comportavam exatamente como estas indicavam. A Princesa Flora achava que as suas amigas tinham cabelos maravilhosos, tão compridos e dourados! E as roupas que usavam também eram muito bonitas: com bordados delicados feitos por camponesas muito dedicadas. E os sapatos eram uma maravilha: tão pequeninos e feitos de seda! Mas a Flora quase morria de tédio quando as ouvia falar dos seus dias!



Levantavam-se de manhã, lavavam a cara e punham creme nas bochechas, nas mãos e no nariz. Depois eram horas de tomar o pequeno-almoço. Bebiam água quente e por vezes chá verde.

As *Regras de uma Princesa* eram bastante claras quanto ao pequeno-almoço: «As Princesas vivem de ar e vento», diziam. Depois vestiam-se, mas isto demorava horas porque usavam saio-tes e roupa interior e lindos vestidos, um por cima do outro, e até usavam aqueles chapéus pontiagudos com véus. Quando conseguiam finalmente vestir tudo e pentear o cabelo, eram horas de almoçar.

De tarde estavam demasiado cansadas para fazer qualquer outra coisa que não fosse arranjar as sobrancelhas.

E à noite, as princesas diziam sempre que estavam entediadas.

— O que é que *tu* fazes o dia todo? — perguntaram as princesas à Flora, enquanto olhavam para ela muito espantadas. Ela usava calças e camisa para montar e, na melhor das hipóteses, uma saia ou um vestido em ocasiões mesmo especiais.

— Eu estou a aprender a gerir os Sete Reinos, para quando for crescida — disse-lhes. — Tenho imensas ideias.

— Ideias! — As princesas ficaram todas bastante horrorizadas. — Nós não temos ideias! Nós seguimos as *Regras de uma Princesa*.

Mas a Flora pensava que cada um devia viver em casas com tamanhos adequados às suas necessidades, por exemplo. As famílias que tivessem muitos filhos, ou que tivessem amigos a viver consigo, deviam ficar com as casas maiores, e as famílias pequenas deviam ficar com as casas pequenas.

— Na verdade, isso parece-me bastante sensato — disse a rainha, que já estava farta de limpar o pó às 134 divisões do palácio real.

A Flora pensava que toda a gente devia receber um ordenado, quer tivessem emprego, quer não. As pessoas deviam receber para jardinar ou pensar, para pintar ou para correr. Os pais podiam ficar em casa a cuidar dos filhos, e quando as mães voltassem dos seus trabalhos interessantes, encontravam tudo limpo e bem arrumadinho.

— Isso nunca iria resultar — disse o rei, que não tinha intenção nenhuma de limpar o pó às 134 divisões do palácio. Ele nem sequer queria limpar o pó a uma ou a duas!

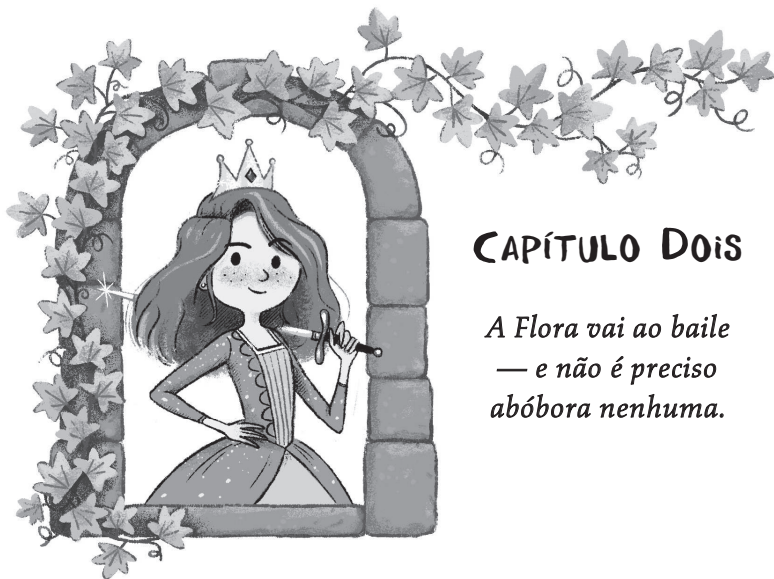
A Flora soltou uma gargalhada e foi andar de canoa no fosso do palácio.

— Sabes, ela não é nada parecida com uma princesa normal — queixou-se o rei à rainha.

— Acho que a certa altura deves mesmo ter metido os pés pelas mãos.

— Ela vai encontrar o seu próprio caminho, a seu tempo — disse a rainha confortavelmente.

— E uma vez que já nasceu princesa, vai acabar por seguir naturalmente as *Regras de uma Princesa*. Não vai?



CAPÍTULO DOIS

*A Flora vai ao baile
— e não é preciso
abóbora nenhuma.*

Certo dia, chegou um convite impressionante ao palácio. O envelope dizia «*Princesa Flora*» com uma letra linda e cheia de arabescos. Era um convite para um baile que o Príncipe Benjamim do reino ao lado — a Terra dos Lagos Profundos — ia oferecer. O príncipe queria conhecer todas as princesas dos reinos vizinhos, para poder decidir com qual delas gostaria de casar.

— Eu gostava de ir — disse a Princesa Flora ao pequeno-almoço, quando viu o convite.

O rei e a rainha entreolharam-se, o que queria dizer que a rainha tinha de dar início à tarefa de dizer que «não» à Flora.

— Eu acho que não ias gostar muito do baile — disse a rainha com doçura.

A Flora disse que sim, que ia gostar, pois.

A rainha dirigiu então ao rei *Aquele Olhar*, e ele disse, com grande impaciência, porque não se sentia confortável com a ideia de poder magoar os sentimentos da filha:

— Bem, o problema, Flora, é que o Príncipe Benjamim nunca te vai escolher para casar, porque vão lá estar princesas muito, muito bonitas, e todas aprenderam as *Regras de uma Princesa*. E tu não és nada como elas. Nada!

— Eu sei bem disso — respondeu a Flora. — Mas também não vou lá para me casar com o Príncipe Benjamim. Só vou para ver as minhas amigas e divertir-me na festa.

— Ah — disse o rei. — Nesse caso podes ir.
Sem dúvida. Sem *dúúúvida!*

Por isso, a Flora pôs um par de calças de ganga lavadas na mochila e depois do almoço entrou no coche de vidro — já que nos Sete Reinos não havia carros, comboios nem autocarros — e lá foi, com o seu cavalo, o *Caramelo*, a trotar alegremente atrás dela.



O reino do Príncipe Benjamim não era longe da casa da Flora, por isso ela foi a primeira a chegar. O príncipe tinha convidado 121 princesas, e a Flora ficou à espera junto ao portão para as ver passar. As princesas foram chegando, algumas em coches muito requintados, outros mais pequenos, e uma ou duas chegaram de carroça. Uma princesa muito pobre chegou num

carrinho de mão. Algumas eram muito bonitas, outras nem tanto, mas todas queriam desesperadamente conhecer o Príncipe Benjamim. Elas não tinham grande coisa para fazer com o seu tempo e a regra número 500 (a última) das

Regras de uma Princesa dizia: «Casar com um príncipe bonito.»

A princesa número 121, a Flora, era a única que não planeava casar-se. Ela só lá tinha ido pela festa.

— E pela comida! — exclamou a Princesa Flora quando viu o incrível e farto banquete.

Ela divertiu-se imenso. Havia montes de bolos, 300 tipos diferentes de gelados e 40 cores



diferentes de gelatina. Havia merengues, pizzas e cachorros-quentes. Havia bastões de açúcar e algodão-doce. Havia maçãs caramelizadas e morangos ainda a crescer nos morangueiros, que as princesas podiam apanhar para comer — até se fartarem. A Flora comeu mesmo muito bem ao jantar. Mas as outras 120 princesas só comeram um naco pequenino de pão com manteiga, mais nada. Estavam preocupadas em sujar os seus melhores vestidos de baile. Tinham receio de não conseguirem dançar levemente em bicos de pés. E tinham medo de que as outras pessoas as achassem comilonas. (Regra número 42 das *Regras de uma Princesa*: «As Princesas vivem de ar e vento.») A Flora não se preocupava com nada disto. Serviu-se duas ou três vezes de quase tudo.

Ela teve um jantar muito melhor do que o Príncipe Benjamim, que foi obrigado a dançar

com cada uma das 121 princesas. O príncipe achou por bem começar a dançar cedo. Dançou com cada princesa, uma a seguir à outra, e todas sorriam e concordavam com tudo o que dizia.

Eram amorosas. Eram as raparigas mais simpáticas que ele alguma vez conhecera. Eram tão queridas que o príncipe nem sequer as conseguia distinguir umas das outras. Eram tão encantadoras que ele teve a terrível sensação de que ninguém podia ser tão simpática o *tempo todo*. Por isso, como podia ele saber quem era simpática durante a maior parte do tempo? Uma ou duas podiam não ser simpáticas de todo — estavam só a fingir enquanto a festa durasse. E se casasse com uma delas iria arrepender-se amargamente! Quando se foi sentar ao lado da Flora, que estava a acabar uma taça de framboesas, o Príncipe Benjamim já tinha a cabeça a andar à roda.

— Queres dançar comigo? — perguntou o príncipe educadamente.

— Nem por isso — disse a Flora. — Pensei que já estavas farto de dançar.

— Pois estou — disse o Príncipe Benjamim com honestidade. — Acho que esta é a festa mais horrível a que já fui.

— Come um gelado de chocolate — sugeriu a Flora para o animar, e o Príncipe Benjamim começou a sentir-se melhor.

— Tu és uma rapariga — disse ele com confiança. — Dá-me um conselho. Como é que se consegue distinguir que princesas são mesmo muito simpáticas e que princesas estão só a fingir?

A Flora olhou em redor.

— Bem... eu só conheço algumas delas. Sei tanto como tu sobre a maior parte das princesas. A única coisa de que tens de te lembrar é que

elas têm de ser muito simpáticas para ti porque é o que diz nas *Regras de uma Princesa*. Tu és o príncipe bonito.

— Pois, mas o problema é esse! — queixou-se o Benjamim. — Como é que escolho com quem quero casar?

— Podias disfarçar-te de lenhador — sugeriui a Flora com bondade —, e viajar durante sete anos por todos os outros reinos para ver se conseguias encontrar o teu Verdadeiro Amor.

— Que ideia tão disparatada — disse o Príncipe Benjamim. — Eu não vou andar a rachar lenha durante sete anos.

— Então podias ir trabalhar como guardador de porcos no palácio real, e ver se a princesa de lá te escolhe.

— Eu vou lá guardar porcos! — exclamou o Benjamim. — Fazes alguma ideia do que são porcos?

— Então não te cases com ninguém — disse a Flora, prestável. — Eu não casaria.

— Mas tenho de me casar! Todos os príncipes têm de oferecer bailes e escolher as princesas com quem querem casar-se. E depois têm de viver felizes para sempre.

A Flora franziu o sobrolho.

— Eu sei que as pessoas dizem que isso é um final feliz, mas nunca ninguém diz exatamente como se faz.

O Príncipe Benjamim assentiu com a cabeça.

— Ou como ser feliz para sempre — disse ele com pesar. — É esse o grande problema de ser um príncipe de contos de fadas.

A seguir a banda começou a tocar e o pobre Príncipe Benjamim teve de ir dançar com outra princesa, depois com mais uma e outra mais, até que o relógio bateu as doze badaladas e todas as princesas se levantaram de repente

e se precipitaram para as escadas, coxeando para as suas camas. Nas escadas do palácio ficaram espalhados 120 sapatos de cristal, como se fosse uma enorme feira. O Príncipe Benjamim ainda pegou em 60 sapatos, mas depois desistiu.

— Isto está a tornar-se completamente ridículo — afirmou a Flora.



«Um livro
desafiante e cheio
de humor.»
The Times

ERA UMA
VEZ...

... uma princesa que teve
a **CORAGEM** de **QUEBRAR**
todas as regras!

A Princesa Flora não é uma princesa como as outras. Ela gosta de partir à aventura com o seu cavalo, o *Caramelo*, e em vez de esperar que a salvem do alto de uma torre ou das garras de um dragão, acaba por ser ela a salvar toda a gente!

Corajosa, destemida e divertida, a Flora vai desafiar as regras e provar que todos têm o direito de traçar o seu próprio destino.


livros que saltam à vista

20|20 editora

ISBN 978-989-564-372-1

9+


9 789895 643721

Literatura Juvenil